

# POSSIBILIDADE DE ATENÇÃO FARMACÊUTICA NOS LABORATÓRIOS DE HISTOCOMPATIBILIDADE

RITA BAUCHSPIESS<sup>1</sup>  
KARINE BAUCHSPIESS<sup>2</sup>  
IRIA GOMES FARIAS<sup>3</sup>

1. Farmacêutica, Especialista Atenção Farmacêutica UNIFRA, Serviço de Hematologia UFSM, 97105-900, Santa Maria, RS
2. Farmacêutica, Serviço Hemoterapia de Santa Maria.
3. Docente do Curso de Pós-Graduação em Assistência e Atenção Farmacêutica da UNIFRA, Santa Maria, RS.

Autor responsável: R.Bauchspiess. E-mail: rita@smail.ufsm.br

## INTRODUÇÃO

O pensar sobre a integridade das ações e serviços de saúde também significa pensar sobre as ações e serviços da Assistência Farmacêutica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

O Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica buscando a promoção da prática da atenção farmacêutica, de forma articulada com a assistência farmacêutica, define que “atenção farmacêutica é modelo de prática farmacêutica, desenvolvida no contexto da assistência farmacêutica. Compreende atitudes, valores éticos, comportamentos, habilidades, compromissos e co-responsabilidades na prevenção de doenças, promoção e recuperação da saúde, de forma integrada à equipe de saúde” (BRASIL, 2004).

A atuação dos farmacêuticos nos hospitais vai além da atuação na farmácia clínica, mas perpassa os laboratórios de análises clínicas, pois o farmacêutico é um prestador de serviços de assistência à população. Com o crescente número de transplantes realizados nas últimas décadas, os laboratórios de histocompatibilidade surgem como uma oportunidade de atuação do profissional farmacêutico. Hoje, no país, existem quarenta e sete laboratórios credenciados pela Associação Brasileira de Histocompatibilidade. O farmacêutico pode e deve atuar nesses laboratórios, inclusive como responsável técnico, pois a portaria 1.312, de 2000, da ANVISA, designa como responsável técnico um profissional da área de saúde, com experiência em gerenciamento de laboratório e especialidade em área a fim com transplante. “Os técnicos de nível superior devem ter treinamento específico na área de histocompatibilidade, compreensão dos fundamentos da genética do complexo HLA e entendimento dos procedimentos realizados” (BRASIL, 2000).

A análise de histocompatibilidade, no processo de realização de transplantes de órgãos, é de vital importância, devido a isto, faz-se necessário que esses processos sejam

realizados em laboratórios, adequadamente, capacitados. Esses procedimentos, extremamente complexos, levam a alterações na fisiologia de múltiplos órgãos e sistema imune, determinando situações clínicas complexas e exigindo um tipo de assistência multidisciplinar/multiprofissional.

A compatibilidade é avaliada com base na tipificação dos antígenos do complexo maior de compatibilidade pertencente às classes I e II, incluindo preferentemente os antígenos dos *loci* A, B e DR. A identificação, atualmente exigida, é sorológica para os *loci* A e B, e molecular para o DR de baixa resolução. Porém, sempre que possível, para fins de documentação mais apropriada e certificação dos resultados, o estudo poderá ser complementado determinando-se HLA classe II por alta resolução.

Para a realização do transplante entre indivíduos de mesma família, tolera-se a incompatibilidade de até um (01) antígeno, pois são semelhantes os resultados no que se refere à sobrevida. Nos transplantes entre não aparentados a incompatibilidade, apenas em um antígeno do *locus* DRB1, está associada à sobrevida inferior, quando comparada aos inteiramente compatíveis.

Nos transplantes com SCU os resultados são semelhantes, mesmo com dois antígenos incompatíveis (ZAGO et al., 2004; ALVES et al., 2005). Em TMO envolvendo indivíduos não aparentados é exigido que a tipificação seja ampliada até o nível de alta resolução por DNA, para ambas as classes, I e II (THOMAS et al., 1975; ANESETTI et al., 1994).

É provável que o perfil da frequência e das combinações dos alelos HLA varie de acordo com a região, ou mesmo localidade estudada. Essa diversidade gera grande dificuldade para encontrar um doador não aparentado HLA idêntico, para pacientes com perfil peculiar ou considerado raro. Nos registros internacionais, essa dificuldade pode ser atribuída à baixa representabilidade de alguns grupos raciais e no REDOME, por ainda não ter um número expressivo de doadores cadastrados.

Nesse contexto, este estudo buscou verificar a existência da Atenção Farmacêutica nos Laboratórios de Histocompatibilidade, bem como analisar as atividades desenvolvidas pelos profissionais.

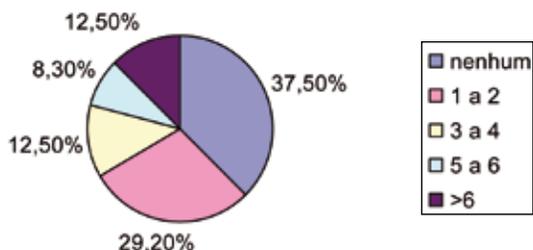
## MATERIAL E MÉTODOS

Como instrumento de coleta de dados deste estudo realizou-se uma pesquisa quantitativa, transversal, de março de 2008 a maio de 2008, sendo a população de estudo os Laboratórios de Histocompatibilidade do Brasil, credenciados na Associação Brasileira de Histocompatibilidade. Um questionário, com cinco questões fechadas, foi enviado por e-mail para ser respondido por cada serviço, acompanhado de uma carta convite a participar do estudo. O questionário continha questões sobre a estrutura do laboratório, as funções desempenhadas pelos profissionais e ocorrência de Assistência Farmacêutica. Para análise estatística foi usada estatística descritiva utilizando o pacote Microsoft Office Excel 2003. Como critério de inclusão, o Laboratório deveria estar vinculado a ABH, e foram excluídos os que não responderam o questionário.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 47 Laboratórios de Histocompatibilidade cadastrados na Associação Brasileira de Histocompatibilidade, 24 responderam o questionário enviado, passando a constituir a amostra de estudo. O farmacêutico está presente em 62,1% dos Laboratórios de Histocompatibilidade. A distribuição pelo número de farmacêuticos atuando nos Laboratórios pode ser verificado na figura 1.

**Número de farmacêuticos por laboratório de histocompatibilidade**



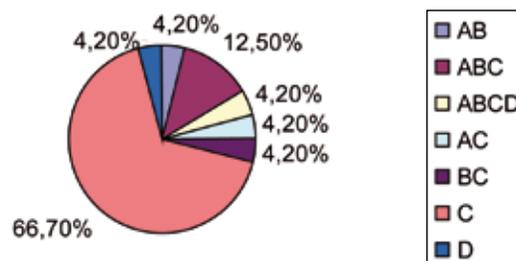
**Figura 1.** Número de farmacêuticos atuando em laboratório de histocompatibilidade do Brasil, cadastrados na Associação Brasileira de Histocompatibilidade

Com relação às regiões geográficas, o maior número de farmacêuticos por Laboratório de histocompatibilidade

é observado na região Sul, onde todos os 7 laboratórios possuem farmacêuticos em seu quadro funcional, e 4 deles possuem mais do que 4 farmacêuticos por laboratório. Nas demais regiões, 50 a 60% dos Laboratórios não possuem farmacêuticos atuando em seus laboratórios. Apesar da tendência da maior participação dos farmacêuticos nos laboratórios da região Sul, essas diferenças não são significativas ( $\chi^2=16,9$ , GL= 12, P= 0,152).

A maioria dos farmacêuticos, 66,7%, desempenha funções técnicas, mas observa-se também a participação dos farmacêuticos em funções de direção e supervisão. Esses dados estão ilustrados na figura 2.

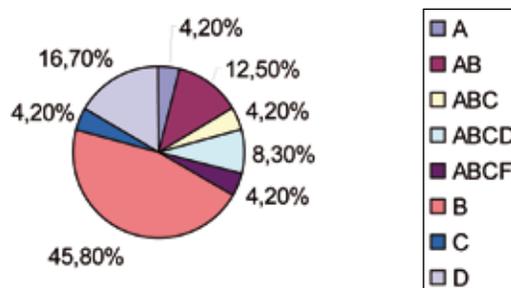
**Função desempenhada pelos farmacêuticos**



**Figura 2.** Função desempenhada por farmacêuticos em laboratórios de histocompatibilidade do Brasil

A orientação aos pacientes é realizada, em grande parte, pela equipe médica que, sozinha, responde por 45,8% das orientações. Quando considerada a participação em conjunto com os demais profissionais esse percentual sobe para 62,5%. A equipe do Laboratório de Histocompatibilidade, quando atuando sozinha, responde por 16,7% das orientações (n=4), e participa da equipe que orienta em 8,3% dos laboratórios (n=2). Dados podem ser observados na figura 3.

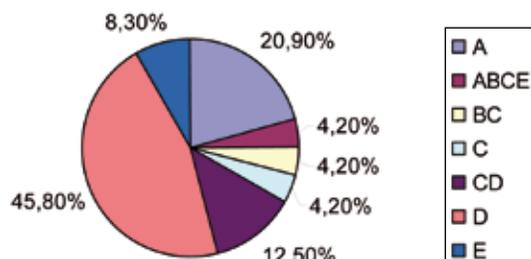
**Profissional que orienta os pacientes**



**Figura 3.** Profissional que realiza a orientação aos pacientes

Quando questionados de que maneira a orientação é efetuada, a maioria dos serviços utiliza a orientação verbal (45,8% sozinha +12,5% associada à distribuição de folhetos explicativos) seguida da entrevista. Figura 4

**Forma de informar aos pacientes**

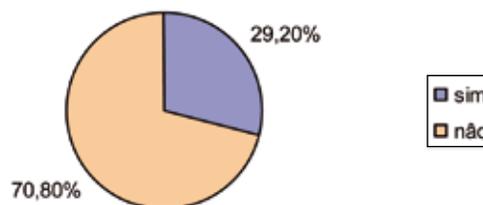


**Figura 4.** Maneira como a orientação aos pacientes é efetuada nos Laboratórios de Histocompatibilidade do Brasil.

A forma utilizada para orientar os pacientes e familiares não difere, significativamente, entre os diferentes profissionais e pode ser observada na tabela 1 ( $\chi^2=21,187$ , GL=24, P=0,627).

A participação dos farmacêuticos nas orientações aos pacientes, caracterizando a assistência farmacêutica em laboratório de análises clínicas, acontece em 29,2% dos serviços nos quais ocorre a participação da equipe do Laboratório de Histocompatibilidade, conforme figura 5.

**Participação do farmacêutico nas orientações aos pacientes**



**Figura 5.** Participação do farmacêutico nas orientações aos pacientes dos laboratórios de histocompatibilidade do Brasil.

Avaliando a participação do farmacêutico nas orientações aos pacientes, em relação às regiões geográficas do Brasil, temos uma diferença estatisticamente significativa ( $\chi^2=8,977$ , GL=3, P=0,0296), conforme tabela 2.

**Tabela 1.** Forma utilizada pelos profissionais para orientar os pacientes encaminhados para efetuar exames de HLA

Profissional	Entrevista		Grupos de Pacientes /folhetos		Folhetos informativos		Folhetos/verbal		Verbal		Outros		Todas as formas	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Assistentes sociais	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	100,0	0	0,0	0	0,0
Médicos	3	27,3	0	0,0	1	9,1	1	9,1	6	54,5	0	0,0	0	0,0
Enfermeiros	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	100,0	0	0,0
Equipe Lab. HLA	1	25,0	0	0,0	0	0,0	1	25,0	2	50,0	0	0,0	0	0,0
Equipe multidisciplinar	1	14,3	1	14,3	0	0,0	1	14,3	2	28,6	1	14,3	1	14,3
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>20,8</b>	<b>1</b>	<b>4,2</b>	<b>1</b>	<b>4,2</b>	<b>3</b>	<b>12,5</b>	<b>11</b>	<b>45,8</b>	<b>2</b>	<b>8,3</b>	<b>1</b>	<b>4,2</b>

**Tabela 2.** Participação do farmacêutico nas orientações aos pacientes e familiares encaminhados para realizar exames de HLA em Laboratórios de Histocompatibilidade brasileiros.

Participação do farmacêutico nas orientações aos pacientes	Centro		Nordeste		Sul		Sudeste	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sim	0	0,0	1	20,0	5	71,4	1	12,5
Não	4	100,0	4	80,0	2	28,6	7	87,5
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>100,0</b>	<b>5</b>	<b>100,0</b>	<b>7</b>	<b>100,0</b>	<b>8</b>	<b>100,0</b>

Na região Norte, não ocorre a participação do farmacêutico, nas regiões Sudeste e Nordeste a participação é pequena (12,5% à 20%), e na região Sul é maioria (71%).

Estes dados indicam que, quando o farmacêutico está presente no Laboratório de Histocompatibilidade, ele participa das orientações, demonstrando que há espaço (e necessidade) para a atenção farmacêutica em laboratório de análises clínicas.

Estes resultados confirmam descrições de VASCONCELOS (2001), em que o câncer e os transplantes, no seu contexto e gravidade, são temas que geram muitas angústias e dúvidas aos pacientes e familiares. Interpretações errôneas ou desconhecimentos sobre o assunto, ou mesmo as crenças, apresentam-se, rotineiramente, aos profissionais farmacêuticos inseridos neste contexto.

Os dados encontrados indicam que as instruções e esclarecimentos aos pacientes estão centrados na equipe médica. Soma-se a estes dados a escassez de artigos relacionando atenção farmacêutica em laboratório de análises clínicas, o que reforça a necessidade da atenção farmacêutica não estar focada apenas no binômio paciente x medicamento. A população que é atendida em nossos hospitais e laboratórios, geralmente, é constituída de pessoas carentes de informações a respeito de saúde, quanto à própria doença, significado de exames que lhes foram solicitados etc. No caso específico dos Laboratórios de Histocompatibilidade, soma-se a complexidade de entender as dificuldades de encontrar um doador HLA idêntico. Nestas situações, é oportuno efetuar a atenção farmacêutica junto aos pacientes e familiares, esclarecendo dúvidas e, conseqüentemente, diminuindo seus medos e angústias.

## CONCLUSÕES

Esta pesquisa objetivou demonstrar a possibilidade de oferecer o serviço de atenção farmacêutica aos pacientes encaminhados aos Laboratórios de Histocompatibilidade, visto que são acometidos por doenças hematológicas, oncológicas, hereditárias e imunológicas. Patologias que, devido a sua gravidade e complexidade, são geradoras de angústias e medos, muitas vezes como consequência da desinformação. Por estes motivos, faz-se necessário um apoio multiprofissional, entre estes se destaca a atuação do farmacêutico.

Os resultados deste trabalho permitem concluir que o farmacêutico está presente em 62.1% dos Laboratórios de Histocompatibilidade, demonstrando o espaço profissional para sua atuação. O farmacêutico está presente em

maior número na região Sul, sendo esta constatação, possivelmente, associada ao fato de que os primeiros TMO foram realizados nessa região, e também a atuação de um longo tempo dos farmacêuticos nestes laboratórios. Além disso, deve ser considerado o fato de haver grande número de cursos de Farmácia nessa região.

Os resultados indicam, também, que as instruções e esclarecimentos aos pacientes estão centrados na equipe médica, o que nos leva a propor a ampliação da atenção farmacêutica nos Laboratórios de Histocompatibilidade. Também ficou demonstrado o relevante papel do farmacêutico nos Laboratórios de Histocompatibilidade, tanto na realização de análises laboratoriais quanto na atenção e assistência farmacêuticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, C; SOUZA, T; VEIGA, S; ALVES, C; TORALLES, MB; LEMAIRE, D. Importância do sistema de histocompatibilidade humano (HLA) em pediatria. *Pediatria* v.27, n.4, p.274-286, 2005.
- ANASETTI, C; HANSEN, JA. Effect of HLA incompatibility in marrow transplantation from unrelated and HLA-mismatched related donors. *Transfusion Science*, v.15, p.221-230, 1994.
- BONE MARROW DONORS WORLDWIDE, Leiden, European Foundation. Disponível em: <<http://www.bmdw.org>>. Acesso em: 28 junho 2008.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n° 338**, de 06 de maio de 2004. Aprova a Política Nacional de Assistência Farmacêutica. Disponível em: <[http://www.cff.org.br/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Resolu%C3%A7%C3%B5es/res\\_338\\_2004.htm](http://www.cff.org.br/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Resolu%C3%A7%C3%B5es/res_338_2004.htm)>. Acesso em: 29 junho 2008.
- BRASIL. **Portaria 1.312**, de 30 de novembro de 2000. Aprova, na forma do Anexo desta Portaria, as Normas de Cadastro de Laboratórios de Histocompatibilidade, âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Disponível em: <<http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=628>>. Acesso em: 21 junho 2008.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Assistência farmacêutica na atenção básica: instruções técnicas para sua organização: série A normas e manuais técnicos. 2ed. Brasília, 2006.
- THOMAS, ED; STORB, R; CLIFT, RA, et al. Bone marrow transplantation. *New Eng. J. Med*, v.292, p.895-902, 1975.
- VASCONCELOS, EM. A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, p.265-273, 2001.
- ZAGO, MA; FALCÃO, RP; PASQUINI, R. Hematologia Fundamentos e Prática. São Paulo: Atheneu, p.914-932, 2004.